

MINHA PRIMEIRA LUNETAS

Ano de 1943. Eu publicava no jornal "O Estado", à época dirigido pelo jornalista Alfeu Faria de Aboim, o primeiro homem da imprensa a me dar a mão. Todos os domingos, um pequeno artigo sobre Astronomia, no estilo escolar na Página Infantil, tinha alguns leitores adultos. Nesse tempo eu observava o céu com um velho trânsito, que me fora presenteado pelo dentista Durval Cavalcante, amigo de meu pai: o aparelho me dava, se tanto, 30 aumentos - mas eu não me queixava, pois Galileu, ao descobrir as montanhas da Lua, as manchas do Sol e as fases de Vênus, estava nas mesmas condições...

Recebi um recado de um senhor Alfredo Salgado, que trabalhava numa companhia de navegação, perto da Praia de Tracema. Atendi ao chamado e, em lá chegando encontrei um velhinho simpático que me disse: "Acompanho os seus artigos no O Estado. Verifiquei, por uma fotografia, que você não tem uma boa luneta. Resolvi ajudá-lo. Possuo uma luneta que estou disposto a passar às suas mãos".

Fiquei feliz e aturdido. Como poderia comprar o aparelho se nem ao menos era empregado? Fiz-lhe ver isso, mas ele riu. E fez a sua proposta: "Olhe, como sou comerciante, não lhe posso dar a luneta de presente. Mas posso vendê-las barato... e a crédito. Você me paga uma pequena prestação por mês". Disse-lhe que o único dinheiro de que podia dispor com certeza era a quantia de Cr\$ 50,00 que recebia do jornal pela minha colaboração. "Está feito", disse ele - e foi buscar a luneta. Fiquei medusado: era uma belíssima luneta de 54 mm de abertura, da fábrica Vion, montada em bronze, com pé do mesmo metal: um tripé pequeno, para mesa. Minha alegria não tinha limites e eu, sobraçando o precioso aparelho, corri em desabalada carreira para casa. Só Deus sabe como pude esperar a noite. As horas arrastavam-se como lesmas numa parede e até pareciam como as lesmas, deixar um traço prateado pelo caminho.

Finalmente anoiteceu. E eu pude olhar para o céu através de um verdadeiro telescópio! Fui dormir muito tarde, depois de passear pela Via Láctea, olhar os anéis de Saturno, os satélites de Júpiter e outras maravilhas celestes que me deleitaram.

Foi com esta luneta que desenhei o meu primeiro mapa da Lua e realizei a maioria das minhas observações durante muitos anos. Meu pai, que além de poeta, pintor e escritor era mecânico de primeira água, inventou uma montagem azimutal sobre um velho tripé de máquina rotográfica.

Quando viajei para São Paulo, em 1953, vendi a luneta (com os olhos razos de água) pelos mesmos Cr\$ 2.000,00 que ela me custara, ao professor Roberto de Carvalho Rocha, hoje Diretor do Complexo "Christus", onde funciona o belo Observatório Christus de que se serve, atualmente, a SBAA.

Em São Paulo, entre: no "staff" do Observatório do Capricórnio, de Jean Nicolini, do qual já faziam parte Orlando Zambardino, Rômulo Argentiêre e outros. Participava, também, da Associação de Amadores de Astronomia que funcionava no Planetário do Ibirapuera e também da Escola Municipal de Astrofísica, ao lado de Aristóteles Orsini, Gumercindo Lobato, André Posso Martins Vezzio Bazzani, Alberto Marsicano, Décio F. Vasconcelos e muitos outros.

Ao voltar para Fortaleza, lembrei-me da minha querida luneta e procurei o Roberto para recomprá-la, pelo preço que custasse. Ele me fez sofrer bastante, com negativas tais como "Não senão você vai fazer presente dela a outra pessoa". Argumentou que a luneta era muito importante para a história dos amadores de Astronomia no Ceará e que queria entregá-la a um Museu de Astronomia. Por fim, acabou foi me dando de presente o meu querido aparelho. Hoje ela está de volta, aqui à minha frente, bem lustrada de "Kaol", linda como sempre.

Mas agora assalta-me uma doce tortura, que se baseia na seguinte história: Henrique Morize, o imortal astrônomo do Observatório Nacional, que chefiou a Comissão Brasileira para o famoso eclipse total do Sol, em Sobral, a 29 de maio de 1919, teria possuído uma luneta absolutamente igual à minha (tenho em mãos a fotografia em que Morize aparece com sua mulher, ao lado da luneta) e que teria, quando embarcou para o Rio, de volta, deixado o aparelho no Ceará e mais, precisamente, com um amigo de uma companhia de navegação de Fortaleza. Fico me perguntando se a minha luneta não será a mesma que foi utilizada pelo velho sábio em suas incursões de amador, que ele o era também, quando contemplava "Reves Étoilées"... Não descansarei antes de descobrir o fim da meada.

PARA RECORDAR O POETA

Olha, por outras partes, a pintura
Que as estrelas fulgentes vão fazendo;
Olha a Carreta, atenta a Cinosuta,
Andromeda e seu pai, e o Drago horrendo.
Vê de Cassiopeia a fermosura
E do Oriente o gesto turbulento;
Olha a Cisne morrendo, que suspira,
A lebre e os Caes, a Nau e a doce Lira.
- C a m õ e s. (os Lusíadas, X, 88)